

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Homecoming: a representação da identidade afroamericana através do documentário da Beyoncé

Beatriz Rangel Lustosa

Graduanda em Arquivologia pela
Universidade Federal da Bahia – UFBA.

rangelbia@hotmail.com

Iuri Santana Amadeu

Graduando em Arquivologia pela
Universidade Federal da Bahia – UFBA.

iuri.03santana.amadeu@hotmail.com

Leyde Klebia Rodrigues da Silva

Professora Assistente DCI/ICI/UFBA.
Doutoranda PPGCI UFRJ-IBICT.

leyklebia@gmail.com



Este trabalho está licenciado com uma
Licença [Creative Commons - Atribuição-
NãoComercial-Compartilhalqual 3.0 Brasil](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/).

Resumo

Este artigo realiza uma abordagem a partir do documentário Homecoming, adquirido e disponibilizado pela empresa americana de distribuição de conteúdo audiovisual, Netflix. O documentário aborda o retorno aos palcos da cantora Beyoncé, após uma gravidez de risco, no festival de show Coachella Valley Music and Arts Festival. O retorno da cantora é marcado por uma temática estritamente social, ao abordar as tradições das Faculdades e Universidades Historicamente Negras realizando, através desse documentário, um espetáculo de representação e homenagem à essas tradições. O documentário é dividido entre os momentos de preparação do show e o acontecimento da apresentação no evento. Este trabalho pretende realizar um levantamento dos principais elementos tradicionais dessas universidades presentes no documentário. O principal objetivo é ressaltar a importância da preservação dessas tradições do ponto de vista da identidade negra e da memória da comunidade afro-americana, bem como contextualizar a conjuntura social-histórica em que essas universidades foram construídas.

Palavras-chave: Informação e Memória. Universidades Historicamente Negras. Documentário. Identidade étnica-racial. Beyoncé.

*Homecoming: afro american identity representation
through Beyoncé documentary*

Abstract

This article takes an approach to the Homecoming documentary, purchased and made available by the US film and series provider Netflix. The documentary addresses the return to stage of singer Beyoncé after a risky pregnancy at the Coachella Valley Music and Arts Festival. The return of the singer is marked by a strictly social theme, by addressing the traditions of the Historically Black Colleges and Universities performing through this documentary, a show of representation and tribute to these traditions. The documentary is divided between the show preparation times, the presentation and the alumni quotes. This article will conduct a study and survey of the main traditional elements of these universities present in the documentary. The main objective is to emphasize the importance of preserving these traditions from the point of view of black identity and the memory of the African-American community, as well as contextualizing the social-historical context in which these universities were built.

Keywords: Information and Memory. Historically Black Universities. Documentary. Ethnic-racial identity. Beyonce.

1 Introdução

A expressão Homecoming, do inglês “regresso a casa”, refere-se à festa tradicional que ocorre nas universidades americanas em que, ex-alunos retornam as universidades para celebrar suas conquistas e relembrar o passado mantendo suas tradições. A cantora Beyoncé estava afastada dos palcos há um tempo por conta de sua gravidez de risco e tinha a intenção de fazer um grande retorno ao palco. Então, ela decidiu nomear o show de homecoming para fazer sua própria festa de boas-vindas.

Entretanto, a artista foi além. Parecia muito simples fazer apenas uma festa de boas-vindas, Beyoncé almejava mais. Ela queria representatividade nos palcos. Queria representar as tradições das Faculdades e Universidades Historicamente Negras, as *Historically Black Colleges and Universities (HBCU's)*. A artista queria passar para o público a negritude, o empoderamento negro para que a comunidade negra se identificasse com a própria cultura. Ela diz: “O meu trabalho é, de alguma forma, deixá-los curiosos o bastante ou persuadi-los, de um jeito ou de outro, a se conscientizarem mais sobre si mesmos, de onde vieram, do que eles gostam e do que já temos, e fazer isso florescer” (HOMECOMING, 2019).

Dessa forma, a cantora estudou e realizou um levantamento das principais tradições das universidades negras e as representou nos palcos através da banda marcial, dos figurinos e das músicas. Todo esse processo criativo se tornou mais tarde um documentário completo distribuído pela empresa norte americana de streaming, a Netflix.

O filme exhibe os dois shows realizados por Beyoncé Knowles no festival Coachella Valley Music and Arts Festival (Coachella Valley: Festival de Música e Arte). Além de exibir o show na íntegra o objetivo também era mostrar os seus bastidores, os ensaios, as dificuldades e principalmente: mostrar o conceito desse espetáculo.

O documentário possui duração total de 137 minutos, alternando-se entre o registro e conceito do show, a preparação de oito meses de ensaios, a vida pessoal da artista e as citações de ex-alunos das HBCU's. Com esse filme, Beyoncé conseguiu disseminar e popularizar ainda mais a sua mensagem e o conceito desse ato de resistência em forma de show.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo configurou-se em ressaltar a importância da preservação dessas tradições, do ponto de vista da identidade negra e da memória da comunidade afro-americana, bem como contextualizar a conjuntura social-histórica em que essas universidades foram construídas. Para isso, realizamos um levantamento dos elementos das tradições negras estadunidenses presentes no documentário, bem como buscamos analisá-los mediante sua representatividade e importância, no que tange a preservação das tradições das universidades negras para a construção da identidade negra afro-americana.

2 Beyoncé, o Homecoming, e as tradições das universidades negras

O show que marca a volta de Beyoncé aos palcos aconteceu nos dias 15 e 22 de abril de 2018 no Coachella. Esse festival acontece desde 1999 durante duas semanas no estado da Califórnia, na cidade com o mesmo nome do evento. Para marcar esse acontecimento, Beyoncé escolheu para o seu grande retorno a temática das festas de homecoming com o foco nas HBCU's que foram criadas na época dos direitos civis americanos. Essa temática serviu para criar no show um ambiente de festa que celebrasse a cultura negra, a educação e os intelectuais negros.

Segundo Beyoncé Carter (HOMECOMING, 2019), para cantar no Coachella foi preciso abandonar sua “coroa de flores”, em referência a uma apresentação visualmente bonita, porém sem muito significado ou profundidade, pois era mais importante levar a cultura negra para o festival.

Dessa forma a artista estudou seus vinte e dois anos de carreira e realizou um levantamento das principais tradições das universidades negras. Assim ela fez a própria festa de ex-alunos com duração de duas horas, conectada com seus bailarinos e sua banda, como se todos estivessem na própria universidade da cantora, e lutassem juntos para construir um futuro onde não existisse nenhum tipo de preconceito, e com livre acesso à educação.

Foram duas noites de apresentações, o palco era composto por um corpo de bailarinos, backing vocals e junto de uma orquestra com banda marcial composta por sua grande maioria por pessoas negras. Os bailarinos tinham faixa etária, físicos diferentes. Esta diversidade era uma exigência da própria cantora, com o objetivo de dar uma chance de brilhar a todas as pessoas que um dia se sentiram rejeitados.

[...] eu queria que sentíssemos orgulho não só do show, mas do processo. Orgulho da luta. Gratidão pela beleza que vem com uma história dolorosa e nos regozijássemos na dor, nas imperfeições, e nos erros que são acertos. E eu queria que todos sentíssemos gratidão por suas curvas, por sua atitude, por sua honestidade. Gratidão por sua liberdade. Não havia regras e pudemos criar um espaço livre e seguro onde nenhuma de nós era marginalizada (KNOWLES-CARTER, 2019).

O festival tem um público em sua grande maioria formado por brancos e é frequentemente alvo de críticas. Houve algumas acusações de ser um evento excludente devido ao perfil dos participantes e dos altos valores dos ingressos. Beyoncé foi a primeira afro-americana a ser a atração principal no festival e por isso era tão importante que todos que nunca se sentiram representados, se sentissem no palco com ela.

Na primeira noite do show no festival que foi transmitida ao vivo através do canal no *YouTube* do Coachella, o evento atingiu o marco de ser a live mais assistida da história do YouTube, título que manteve até 2018. Segundo o site da Jovem Pan (2018) foram mais de 43 milhões de visualizações em 232 países. Já o Estadão (2018) afirma que no *Twitter* durante a apresentação o nome da cantora foi mencionado 2,8 milhões de vezes de acordo com a ferramenta de análise de redes sociais *Talkwalker*.

Beyoncé reconhece seu lugar de fala como mulher negra em um espaço que, historicamente, sofre com o desprivilegio, sendo colocadas em posições extremamente inferiores até mesmo em relação aos homens negros, pois a mulher negra precisa lutar contra o preconceito racial somado as questões de gênero que existem em uma sociedade patriarcal branca. Consequentemente, ela sabe qual a importância dessas universidades para seu povo, conseguindo assim, rememorar a tradição desses lugares e disseminar para manter ainda mais viva a história dessas universidades com seu alcance mundial que permite milhares de fãs a ter acesso ao seu trabalho e posicionamento.

2.1 Faculdades e universidades historicamente negras

A Lei de Educação Superior de 1965, conforme emendada, define uma HBCU como: “[...] qualquer faculdade ou universidade historicamente negra que foi criada antes de 1964, cuja principal missão era a educação de negros [...]” (UNITED STATES OF AMERICA, [20-?], tradução nossa). As HBCU's foram estabelecidas no Estados Unidos após a Guerra Civil Americana. Esta guerra foi travada em 1861 entre os separatistas dos estados do Sul e as forças governamentais do Norte. A guerra fora vista como uma resposta do Sul à determinação de Abraham Lincoln como representante do poder federal. O Norte tinha a iniciativa de desenvolver a indústria na América, prestigiando a valorização do trabalho livre, assalariado e defendiam a abolição da escravidão. Já o Sul era baseado na estrutura agrária e escravocrata.

Nos estados escravistas do sul dos Estados Unidos da América (EUA) já havia leis racistas e a favor da antimiscigenação, isto é, brancos eram proibidos por lei de se casarem com negros, ainda que libertos, ou mestiços. Quando os sulistas perderam a guerra em 1865, as leis de segregação racial se intensificaram, visto que a escravidão – que sustentava o modelo econômico rural do Sul – havia sido abolida por Abraham Lincoln em 1863. Aproveitando-se da condição federativa dos EUA, na qual cada estado da Federação era plenamente livre para elaborar suas próprias leis, os sulistas passaram a aprovar ainda mais leis de segregação racial, fazendo com que os negros fossem proibidos de frequentarem lugares públicos visto como “lugares de brancos”, a exemplos de transportes escolares e universidades. Esse tipo de postura faz com que a maioria dos locais públicos tivessem instalações separadas para brancos e negros (PACKARD, 2002).

Estas leis ficaram conhecidas como Leis Jim Crow¹. O conteúdo dessas leis era estritamente racista e tinha como critério aquilo que o geógrafo Demétrio Magnoli, em seu livro “Uma gota de sangue: história do pensamento racial”, denominava de regra da “gota de sangue única”. Segundo a regra, não era necessário que determinada pessoa tivesse características negras aparentes para ser discriminada pelas leis segregacionistas. Bastava que ficasse comprovado que essa pessoa tivesse algum antepassado negro para que esse indivíduo fosse segregado (MAGNOLI, 2009).

Nesse contexto, surgiram as HBCU's, com a intenção de servir, principalmente, à comunidade afro-americana. Nesse período, grande parte das instituições de ensino superior vetavam as matrículas de cidadãos afro-americanos. Até 1964, as HBCU's eram as únicas universidades que aceitavam afro-americanos. Sendo estas abertas a indivíduos de todas as etnias.

As leis de segregação racial dos EUA só começaram a ser revogadas a partir da eclosão dos movimentos pelos direitos civis e pela igualdade das leis entre negros e brancos encabeçados nos anos 1950 e 1960 por líderes como Martin Luther King Jr,

¹ Jim Crow é um personagem trapaceiro de uma música tradicional da comunidade negra. Um comediante chamado Thomas D. Rice deu vida ao personagem nos palcos utilizando o artifício do blackface e o representando como preguiçoso, estúpido, inferior, menos humano e bem menos evoluído intelectualmente. Essa imagem foi tão forte que Jim Crow tornou-se uma forma pejorativa de se referir os negros. Mais tarde as leis de segregação racial impostas nos Estados Unidos receberam o nome de Jim Crow Laws (JARDIM, 2016).

que se destacou pela sua capacidade de reunir grandes massas de pessoas em protestos pacíficos. Em 1963, o então presidente John F. Kennedy iniciou a proposta de implementação de uma lei que permitisse a todos os cidadãos direitos iguais. Em 1964, foi implementado o Civil Rights Act (Lei dos Direitos Civis) que colocou fim na segregação racial ou a qualquer discriminação por conta de raça, cor, religião ou sexo nos EUA (CARVALHO, 2017; PACKARD, 2002).

O futuro das faculdades e universidades historicamente negras corre sérios riscos atualmente. De acordo com informações obtidas no portal Pew Reserch Center, o número de negros que frequenta hoje as universidades historicamente negras está diminuindo consideravelmente. No outono de 1980, 17% dos estudantes negros matriculados em instituições de ensino superior estavam em uma HBCU. Em 2000, este número já era de 13% e em 2005, de 9%. Um fator determinante para essa evasão é o aumento da renda, e maior facilidade no acesso quanto a ajuda financeira, o que resultou num leque muito maior de escolhas para o negro no que diz respeito a sua instituição de ensino. Entretanto, tem ameaçado a vida das HBCU's (ANDERSON, 2017).

O declínio das receitas e restrições de orçamento pelo Estado também gerou alguns impactos como, por exemplo, o desaparecimento de algumas HBCU's. De acordo com uma análise de Anderson (2017) e Roncolato (2018), em 1980 eram 121 universidades, porém em 2017 foram contabilizados apenas 101 restantes. A sobrevivência de curto e longo prazo de muitas dessas universidades depende da generosidade de ex-alunos, através de doações. Está programada reunião dos das HBCU's com legisladores do Partido Republicano para discutir os "desafios e a importância dessas instituições", e o presidente Donald Trump deve emitir uma ordem executiva que lide de alguma forma com as questões enfrentadas pelas HBCUs.

Segundo Anderson (2017), as HBCU's ainda representam um número considerável de diplomas universitários obtidos por estudantes negros nos Estados Unidos. Em 2015, foram cerca de 27.000 concluintes negros e que eram alunos das HBCU's, número que representa cerca de 15% de todos os diplomas de bacharelado conquistados por negros no país. Se considerado o patamar atual onde o negro tem mais possibilidades fora das HBCU's e maior poder de escolha sobre em qual instituição de ensino cursar, este número mantém viva a história de um grupo, que por anos, fora a maior fonte de mentes pensantes da comunidade negra.

Estas instituições destacam-se pelo ambiente universitário acolhedor e de excelência acadêmica, assim como por seu legado único para as necessidades específicas da população afro-americana. Formaram personalidades importantes como: Martin Luther King e Spike Lee formados na Faculdade Morehouse, o sociólogo e historiador W. E. B. Du Bois formado na Fisk University e a apresentadora Oprah Winfrey na Tennessee State University (RONCOLATO, 2018).

Atualmente as HBCU's recebem estudantes de todas as nacionalidades, e algumas não possuem mais uma maioria afro-americana. E um crescente número de estudantes internacionais são atraídos pelo compromisso com a justiça social dessas universidades e o papel importante que elas desempenharam na história dos EUA. Segundo os dados do texto de Anderson (2017) a porcentagem de estudantes da HBCU considerados brancos, hispânicos, asiáticos, das Ilhas do Pacífico ou nativos americanos era de 17% em 2015, contra 13% em 1980.

3 Memória e identidade negra

A memória é considerada um episódio individual, algo íntimo, próprio de cada pessoa onde nem tudo fica gravado. Halbwachs (2004) compreende a memória como um fenômeno coletivo e social, algo construído coletivamente e sujeito a variações, e transformações com constância, por ser algo que também pode ser adquirido, não se refere unicamente a sensações físicas.

Com o poder para exercer grande dualidade, a memória tem a capacidade de abranger o individual e o coletivo. A memória que podemos intitular de individual tem origem a partir de um ponto de vista sobre a memória coletiva, passível de alterações por parte da percepção de quem rememora essas lembranças. Já a memória coletiva parte do princípio de deixar de lado suas dimensões individuais sendo que a memória de uma pessoa nunca é totalmente dela. A definição de memória coletiva criada por Halbwachs (2004) prevê que as recordações devem ser analisadas com base no contexto social. Estas por

influência de diversos fatores (local, idade, condição social, orientação política etc.) propiciam a adição, enaltecimento, ou esquecimento um certo acontecimento, como afirma o autor:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetivos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstruir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada e de tudo isso (HALBWACHS, 2013 *apud* SILVA, 2016, p. 249).

Em 19 anos de existência o Coachella, um dos maiores festivais de música do mundo, só teve uma mulher negra como atração principal em 2018. O que isso nos diz?

Apesar de ser muito difícil para uma cantora negra conseguir evidenciar-se no cenário musical por conta dos empecilhos da profissão, e somado ainda ao preconceito racial, resultando na ausência de visibilidade para estas artistas na mídia, é pouco provável cogitar que ao longo de todos esses anos não houveram cantoras negras de sucesso que pudessem ocupar essa posição.

Lauryn Hill, Janet Jackson, Alicia Keys, Janelle Monáe e inclusive a própria Beyoncé poderiam ter realizado este feito muito antes devido sua grande quantidade de músicas de sucesso nas paradas das rádios americanas, e seu impacto na venda de álbuns em todo o mundo. Bastava apenas os organizadores desse evento se atentarem para esta questão mais cedo.

Em um momento do documentário é possível reparar uma citação de Marian Wright Edeleman da Universidade de Speleman College. Edeleman (HOMECOMING, 2019) acredita que “You can’t be what you can’t see”, que na tradução literal, significa “Você não pode ser o que você não vê”. Esta frase mais uma vez reforça uma das grandes mensagens dessa produção, a importância da representatividade e da necessidade de reconhecer sua identidade étnica-racial, sobretudo à identidade negra.

Fernandes e Souza (2016) acreditam que a identidade é algo em construção e permanente, e que se manifesta por meio da consciência da diferença e contraste com o outro, implicando na alteridade, com o exercício da alteridade conseguindo respeitar e aceitar sujeitos diferentes de nós mesmos, surgindo assim ambientes inclusivos. Entendendo a alteridade é admissível compreender as particularidades da construção da identidade negra, devido ao fato que para um indivíduo se afirmar como negro em uma sociedade onde os negros são expostos ao preconceito racial de maneira frequente isso é romper com uma estratificação social e histórica que perdurou por anos pautada apenas pela cor da pele.

Beyoncé durante toda sua carreira se consolidou como uma forte referência negra afro-americana por conta de seu desempenho com a venda de milhões de discos e como mulher de negócios. Desde 1999, Queen B (Rainha B), como é apelidada pelo seu público, utiliza de letras dançantes e que empoderam as mulheres em suas músicas. Entretanto, foi apenas em 2016 que ela se debruçou sobre as questões do movimento negro fazendo um recorte sobre os problemas que às mulheres negras sofrem. Assim como define Wanderley (2009) a identidade afrodescendente é formada através de uma trajetória de luta e reparação por direitos que foram negados. Por isso, é também uma identidade política.

A identidade coletiva da comunidade negra é tomada de vários estereótipos, algo criado socialmente com a intenção de inferiorizar e subjugar a população negra. Assim como ocorreu na sociedade brasileira, os brancos americanos formaram uma visão repleta de discriminação, preconceitos e generalizações sobre o povo negro, a partir do processo de colonização que deu origem a esses dois países. No ponto individual, a construção da identidade negra em uma sociedade racista se depara com a reprodução desse olhar do branco europeu sobre o negro.

Fragoso (2009) acredita que memória e identidade são elementos inseparáveis, isto porque a memória contribui para a construção da identidade, que se manifesta como a existência da memória. Embora sejam distintos, esses fenômenos estão sempre ligados. Portanto, a memória é um elemento fundamental para a formação da identidade individual e coletiva.

Beyoncé encara Homecoming com uma afirmação essencial para justificar todo seu trabalho e a construção desse documentário, evidenciando a memória e a identidade afro-americana que precisa ser preservada (HOMECOMING, 2019). Para ela, muitas pessoas negras com consciência cultural e intelectual se formaram nessas universidades, inclusive o pai dela. Segundo a autora, há algo muito importante nessa experiência que tem que ser celebrado e protegido. Pois, sempre há uma tentativa por parte da sociedade em tentar silenciar as experiências negras, descreditando-as, para assim, tornar as

vivências dos brancos superiores à dos negros. Uma consequência desse apagamento está na história, conhecemos poucos fatos históricos que envolvem pessoas negras e quando são retratadas existe uma intenção de embranquecê-las, como forma de legitimar o que está sendo contado.

Proteger a memória dessas pessoas que vivem/viveram nessas universidades, é além de tudo, um ato de resistência e uma reparação histórica. Afinal, devido ao passado escravocrata e, posteriormente, segregacionista americano, por muito tempo os negros tiveram acesso negado à educação. A origem dessas instituições é marcada por muita luta contra o sistema, para dar oportunidade de um ensino de qualidade a esta parcela da população.

4 Procedimentos metodológicos, Análise e Discussão dos Dados

O artigo foi fruto da atividade avaliativa final da disciplina Arquivo, Memória e Sociedade, ministrada pela professora Leyde Klebia Rodrigues da Silva, no Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia. O primeiro passo foi a escolha do tema do artigo, os dois co-autores do trabalho tinham assistido ao documentário *Homecoming* na Netflix e por estarem com dúvidas sobre qual temas iriam produzir o artigo, perceberam que o documentário tinha muita correlação com o tema de memória, representação e informação.

O documentário trata de vários assuntos, como a volta aos palcos da cantora Beyoncé, a história da representação e movimento negro durante a época de Segregação Racial (1863-1964), e a valorização das Universidades Negras. Logo, é uma representação da identidade afroamericana em sua essência.

Dessa forma, para atingir os objetivos do artigo, foi necessário reassistir o documentário com uma visão mais crítica, uma visão que fosse plenamente atenta ao intuito de destacar os elementos informacionais da cultura afroamericana presente nessa produção. O segundo passo foi o levantamento bibliográfico sobre memória, memória coletiva e identidade étnica-racial bem como a compreensão dos principais autores que se debruçam sobre ao tema.

O terceiro passo foi realizado com base em um estudo historiográfico sobre a época de Segregação Racial dos EUA com o objetivo de contextualizar a conjuntura social-histórica em que as Faculdades e Universidades Historicamente Negras foram criadas. As etapas restantes dizem respeito ao processo criativo de escrita desafiadora, sobretudo, uma escrita compartilhada por se tratar de uma dupla.

Esse trabalho realiza um levantamento dos principais elementos tradicionais dessas universidades presentes no documentário. O principal objetivo é ressaltar e defender a importância da preservação dessas tradições do ponto de vista da identidade negra e da memória da comunidade afro-americana, bem como contextualizar a conjuntura social-histórica em que essas universidades foram construídas.

4.1 Elementos informacionais negros presentes no documentário

No documentário *Homecoming*, existe uma série de elementos informacionais tradicionais das Universidades e Faculdades Negras que possuem grande relevância tanto para o documentário, quanto para a cultura negra nas universidades. Neste artigo foram listados quatro principais elementos que estão presentes no documentário, sendo eles:

A banda marcial faz parte de uma equipe com 100 profissionais, e trabalha junto com os bailarinos, backing vocals e uma orquestra. Os figurinos de maior destaque estavam divididos entre rosa e amarelo. O brasão presente nos figurinos foi criado junto com a equipe de figurinistas para simbolizar a resistência nas universidades negras. As citações eram compostas por frases de ex-alunos e personalidades negras, para demonstrar transições em momentos do show. As músicas possuíam uma temática de empoderamento negro e feminino.

Observando as representações da cultura negra destacadas no documentário, e as articulações que as mesmas detêm com a identidade afro-americana, foi possível ressignificar falsas ideias que influenciam na percepção individual das pessoas e o

modo como se constroem as representações sociais, eliminando os preconceitos, estereótipos e julgamentos internalizados na consciência social, que são usados para a percepção do branco sobre o negro e do negro sobre si mesmo.

4.1.1 A banda marcial

A banda marcial (figura 1) é o elemento do show que mais remete as universidades estadunidenses.

Figura 1 - Beyoncé e sua equipe durante o show



Fonte: Site Beyoncé.com, disponível em: <https://www.beyonce.com/image/beychella-2018-165/>

Muitas universidades americanas possuem suas próprias bandas, que se apresentam em eventos universitários, especialmente os esportivos. A banda costuma incorporar movimentos corporais e marchas durante suas performances, e utilizam duas classes de instrumentos: os metais e a percussão. Em termos de estrutura, uma grande arquibancada em forma de pirâmide foi colocada no palco onde toda a banda e seus bailarinos realizavam movimentos extremamente calculados para transmitir uma sincronicidade impressionante.

No documentário é possível ver alguns trechos de apresentações das bandas marciais de universidades como a Southern University (Universidade do Sul), Jackson State University (Universidade Estadual de Jackson), Alabama A&B University (Universidade A&B do Alabama), Grambling State University (Universidade Estadual de Grambling), Florida A&M University (Universidade A&M da Florida), North Carolina A&T University (Universidade A&T da Carolina do Norte), Hampton University (Universidade de Hampton), Alabama State University (Universidade Estadual do Alabama).

4.1.2 O figurino e o brasão

As duas noites de apresentações ficaram marcadas pelos figurinos amarelo e rosa (figura 2) que no documentário, se alteram de cor através da edição para destacar a sincronicidade da cantora e da sua equipe durante todo o show. Na primeira semana as atenções ficaram para o figurino amarelo, enquanto na segunda semana, o figurino rosa.

Figura 2 - Figurinos amarelo e rosa



Fonte: Site Beyhive.com.br, disponível em: https://www.beyhive.com.br/img/uploads/2019/04/coachella-2_0250.1070-720x378.png

Junto com sua equipe de figurinistas a cantora criou o brasão que mescla e faz referência aos fãs, sua carreira e outros elementos de resistência das universidades negras. A abelha representa o animal favorito da artista, nome que ela apelidou carinhosamente os fãs. A outra imagem no brasão é a de Nefertiti, uma das rainhas do antigo Egito, cujo nome significa: a mais bela chegou. Podemos visualizar o brasão na figura 3.

Figura 3 – O brasão



Fonte: Site Beyoncé.com, disponível em: <https://www.beyonce.com/image/beychella-2018-212/>

Por sua vez, os elementos tradicionais das universidades negras presentes no brasão são: o punho cerrado e a pantera negra. O punho cerrado significa apoio e solidariedade que ganhou um sentido de luta e resistência para o movimento negro quando o The Black Panthers (Panteras Negras) começou a fazer esse gesto em suas manifestações. Os Panteras Negras surgiram em 1966 para ser um partido de autodefesa dos negros norte-americanos. Tinha como principal objetivo realizar patrulhas armadas e diminuir o comportamento truculento e racista das forças policiais. O movimento “panteras negras” também foi decisivo para a conquista dos direitos civis.

Os estudantes nas HBCU's eram ativos em protestos, marchas e atos passivos para protestar contra as desigualdades (SHARE AMERICA, 2017). Alguns alunos se associavam aos panteras negras para ajudar a desencadear o movimento pelos direitos civis. Outro elemento associado ao grupo são as boinas utilizadas pelos bailarinos durante todo o show.

4.1.3 As citações

Para a construção de seu filme, Beyoncé selecionou algumas citações de alunos e ex-alunos de algumas HBCU's e pensadores negros americanos para demarcar os momentos de transições das cenas do show para cenas da construção dos ensaios. O que ressalta uma preocupação e estudo da produção do documentário para conseguir dar vozes a pessoas que vivem/viveram experiências nesses lugares e transmitir para a audiência do documentário uma compreensão total sobre a dimensão das HBCU's e o quanto essas universidades impactam a construção da identidade afroamericana e de sua memória.

Ao longo do documentário é possível identificar quatro citações, dentre elas as duas impactantes: "Without community, there is no liberation" (Sem comunidade, não há libertação). Frase dita pela escritora Audre Lorde (1978) citada por Beyoncé e Ed Bruke no documentário. Nessa citação a autora enfatiza a necessidade de pertencer a um grupo para que haja um autoreconhecimento e assim, conseguindo romper com amarras impostas socialmente. Audre também deixa entender que não adianta alcançar direitos individualmente, toda comunidade precisa atingir os mesmos direitos.

A segunda é uma citação de um ex-aluno da Universidade Fisk, o sociólogo William Du Bois em 1888: "Education must not simply teach work - it must teach life" (A educação não deve simplesmente ensinar o trabalho - deve ensinar a vida) essa frase chama a atenção para importância da educação não apenas formar pessoas para o mercado visando que sejam os melhores profissionais e sim prepará-las para vida, para serem humanos capazes de respeitar as diferenças sem discriminações.

4.1.4 As músicas

Na lista de músicas o destaque fica para as músicas de empoderamento negro, a música *Lift every voice and sing* é considerada como o hino negro dos Estados Unidos desde 1921 pela National Association for the Advancement of Colored People (Associação Nacional pelo Avanço das Pessoas de Cor).

Beyoncé também cantou músicas que abordam a questão racial de sua própria discografia como Formation e Freedom. Essas duas canções marcam o início do posicionamento público da cantora em suas músicas no álbum Lemonade, seu trabalho mais politizado até então. Após a performance da música *Don't Hurt Yourself* é possível ouvir um trecho de um dos discursos de Malcolm X, *Who taught you to hate yourself?* (Quem te ensinou a se odiar?), sobre o que é ser uma mulher negra na América, elemento já realizado no vídeo clipe dessa música com a seguinte afirmação: "A mulher mais desrespeitada da América é a mulher negra. A pessoa mais desprotegida da América é a mulher negra. A pessoa mais negligenciada da América é a mulher negra" (MALCOLM X, 1962, documento online, tradução nossa).

Outro discurso utilizado no show foi um trecho da fala da escritora Chimamanda Adichie ao fim da música Run The World sobre as imposições da sociedade para a criação de meninas e como elas são sempre colocadas em papel menores e de subserviência diante aos homens:

Ensinamos as meninas a se encolherem para se tornarem menores. Dizemos para meninas, você pode ter ambição, mas não muita. Você deve ansiar ser bem-sucedida, mas não muito bem-sucedida, caso contrário, você vai ameaçar o homem' [...]. Criamos as meninas para serem concorrentes, não para empregos ou para conquistas. (Que eu acho que podem ser uma coisa boa) mas, para ter a atenção dos homens [...] feminista - "a pessoa que acredita na vida social igualdade política e econômica entre os sexos (ADICHIE, 2013 *apud* HOMECOMING, 2019, documento audiovisual).

Ao avaliar todos os elementos que Beyoncé consegue apresentar em seu show, percebemos a importância e o valor imaterial que muitos desses elementos do show representam para a cultura afro-americana. Esses elementos carregam traços da luta dos negros nos Estados Unidos para a garantia de direitos e da igualdade racial. Assim, preservar esses elementos informacionais, também é preservar a memória do movimento negro afro-americano, e a identidade das faculdades e universidades tradicionalmente negras, já que todos esses pontos são indissociáveis, e juntos contam uma história de como

surge a luta dos negros norte-americanos, que enfrentaram uma conjuntura social extremamente racista e segregacionista para almejam um estado mais justo para toda a sociedade.

5 Considerações Finais

Vivendo um declínio econômico, alguns políticos do EUA já cogitam o fim de algumas HBCU's, e a fusão das restantes com outras universidades. Essa decisão é um fator preocupante, que pode gerar o apagamento das memórias afro-americanas. A conservação das HBCU's é essencial para as memórias desse povo, pois as faculdades e universidades tradicionalmente negras fazem parte do patrimônio histórico e cultural desse país, por conta de sua materialidade e do seu conjunto de bens culturais referente às identidades coletivas.

A preservação e manutenção das HBCU's é algo primordial, já que essas universidades possuem muita atribuição de sentido e significado para os negros afro-americanos, justificando assim a existência desses espaços. O reitor da Claflin University, fez uma afirmação que ressalta as atribuições históricas das HBCU's: "Passamos muitos dias protestando contra a segregação, pelo direito de votar, pelo direito de sentar na cantina, pelo direito de ser tratado como ser humano" (TISDALE, 2015, documento online).

Baseado neste discurso, este artigo defende uma bandeira extremamente importante, com alto grau de valor social, que é a preservação das HBCU's, e conseqüentemente, da identidade negra. Os objetivos da pesquisa foram alcançados com a análise minuciosa do documentário, e a percepção e levantamento de quatro elementos informacionais tradicionais presentes nele. Foi observado através da pesquisa, a necessidade de preservar as Universidades e suas tradições, bem como sua importância para a memória e identidade negra, tendo em vista os dados relativos ao desaparecimento das HBCU's.

Beyoncé através de seu show, e posteriormente com o documentário, conseguiu proporcionar visibilidade as pessoas que por muito tempo foram reprimidas e tiveram negada uma série de direitos. Quando um artista coloca em seu palco uma equipe cuja grande maioria de integrantes é formada por negros, passa uma mensagem de representatividade e diversidade muito forte, que junto com o auxílio da Netflix, atualmente um gigante no serviço de *streaming* em todo mundo devido aos seus milhões de assinantes, é possível disseminar essa mensagem para um público muito maior do que a Beyoncé alcançaria sem esse documentário.

Homecoming é mais do que apenas um show de uma cantora pop. *Homecoming* é um ato político que conscientiza e traz para um sujeito reconhecimento étnico racial. Até mesmo para pessoas que não são afro-americanas é possível se conectar com a história de luta do movimento negro americano e da fundação das faculdades e universidades negras, já que independente do lugar do mundo, o racismo e a intolerância racial são sempre iguais, se diferenciando somente pela forma que se apresentam.

Referências

- ANDERSON, Monica. A look at historically black colleges and universities as Howard turns 150, 2017. **Pew Research Center**, Washington, 28 fev. 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/02/28/a-look-at-historically-black-colleges-and-universities-as-howard-turns-150/>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- CARVALHO, Mariana. Como é estudar em uma HBCU nos EUA. **Brasileiras pelo mundo**, 5 set. 2017. Disponível em: <https://www.brasileiraspelomundo.com/como-e-estudar-em-uma-hbcu-nos-eua-560865139>. Acesso em: 20 maio 2019.
- ESTADÃO. Show de Beyoncé no Coachella bate recordes no Twitter e no YouTube. 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente/show-de-beyonce-no-coachella-bate-recordes-no-twitter-e-no-youtube.70002273883>. Acesso em: 28 maio 2019.
- FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 63, p. 103- 120, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.
- FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-Memória**: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **La memoria colectiva**. Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2004.

HOMECOMING. Direção: Beyoncé Knowles e Ed Bruke. Produção: Beyoncé Knowles. Nova Iorque: Parkwood Entertainment, 2019. (137 min). Disponível para assinantes na Netflix.

JARDIM, Suzane. O Jim Crow – Reconhecendo estereótipos racistas internacionais – Parte II. **Gelédes**, 20 jul. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-jim-crow-reconhecendo-estereotipos-racistas-internacionais-parte-ii/#ixzz4Ewh5t1XU> Acesso em: 18 de mai. de 2019.

JOVEM PAN. **#Beychella: Beyoncé tem a performance mais assistida do festival no Youtube**. 2018. Disponível em: <https://jovempn.uol.com.br/entretenimento/musica/beychella- beyonce-tem-performance-mais-assistida-do-festival-no-youtube.html> Acesso em: 28 maio 2019.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue**: história do pensamento racial. São Paulo: Contexto, 2009.

MALCOLM X. **Who taught you to hate yourself?** 1962. Disponível em: <https://genius.com/Malcolm-x-who-taught-you-to-hate-yourself-annotated> Acesso em: 28 maio 2019.

PACKARD, Jerrald M. **American Nightmare**: The History of Jim Crow. New York: St. Martin's Press. 2002.

RONCOLATO, Murilo. O discurso do 'Pantera Negra'. E a origem das universidades negras nos EUA. **CEERT**, 2018. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/educacao/21971/o-discurso-do-pantera-negra-e-a-origem-das-universidades-negras-nos-eua/> Acesso em: 15 maio 2019.

SHARE AMERICA. Não é preciso ser negro para frequentar uma universidade historicamente negra. 2017. Disponível em: <https://share.america.gov/pt-br/nao-e-preciso-ser-negro-para-frequentar-uma-faculdade-historicamente-negra/> Acesso em: 30 maio 2019.

SILVA, Giuslane Francisca da. A memória coletiva. **AEDOS – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, ago. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252/38241> Acesso em: 20 maio 2019.

TISDALE, Henry. Faculdades e Universidades Historicamente Negras: uma história de justiça social. **Portal Metodista**, 2015. Disponível em: <http://portal.metodista.br/ari/noticias/2015/faculdades-e-universidades-historicamente-negras-uma-historia-de-justica-social> Acesso em: 02 maio 2019.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of Education. White House Initiative on Historically Black Colleges and Universities. **What is an HBCU?** [20-?]. Disponível em: <https://sites.ed.gov/whhbcu/one-hundred-and-five-%20historically-black-colleges-and-universities/> Acesso em: 14 maio 2019.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **A Construção da identidade afrobrasileira nos espaços das Irmandades do Rosário do sertão paraibano**. 2009. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4684/1/arquivototal.pdf> Acesso em: 02 maio 2019.

Artigo submetido em: 31/10/2019.

Aceito em: 29/12/2019.

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia



Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade semestral.